

MEDIR O ESPAÇO

Em 1972, Brian O'Doherty escreveu um livro seminal intitulado *Inside the White Cube* (*Dentro do Cubo Branco*) onde analisa as ideologias referentes aos diferentes espaços expositivos. Com a atenção dada às especificidades dos espaços das exposições, o “cubo branco” tornou-se quase omnipresente nos discursos e práticas curatoriais e artísticas. A exposição de **Armanda Duarte** (Praia do Ribatejo, 1961), no Espaço Chiado 8, segue esta linha interventiva. “Três degraus, uma laje” toma como matéria e referência o próprio espaço expositivo, as suas especificidades, o seu contexto e vivência; prática comum no trabalho desta artista.

Dividida em duas peças, sendo que uma tem dois momentos, *Três degraus* encara as três primeiras salas como um espaço único e constitui-se como uma análise sobre a volumetria destas. Na primeira, encontramos *Sopro livre*, uma pequena coluna de esferas de vidro com 48 cm emergindo do chão, marcando o desnível entre as duas primeiras salas e a terceira. Do lugar onde está erigida, consegue vislumbrar-se a segunda parte da peça: *Ângulo de repouso*. Alcançá-la, no entanto, implica percorrer o espaço expositivo e descer o desnível (três degraus/48 cm) que separa as salas. Esta peça é constituída por 31 metros cúbicos de areia fina, correspondente à diferença de volume entre as duas primeiras salas e a última. Apesar de aparentemente distantes, as duas peças são complementares: quer pelos materiais que as enformam (areia é a base do vidro) como pela análise

que realizam do espaço. A descoberta das obras implica percorrer e descobrir o próprio espaço que as acolhe.

Uma Laje constitui-se igualmente como uma análise da sala onde se encontra exposta. Neste caso, apropria-se de um elemento da grelha geométrica do chão – uma laje – que servirá de medida para o próprio espaço. Armanda Duarte estabelece um complexo método de conversão de um conjunto de objectos banais que têm como característica comum serem circulares.

Dispostos numa laje, tangentes, a sua espessura e perímetro são utilizados para medir o espaço consubstanciado num desenho na parede. A compreensão do desenho é clarificada através de um caderno/inventário realizado meticulosamente pela artista. Apesar de poder suscitar associações ao Pós-minimalismo, o trabalho de Armanda Duarte parece mais perto de um certo Barroco contemporâneo. Não é tanto a serialidade que lhe interessa, mas reflectir o espaço expositivo enquanto lugar + F. O.

Armanda Duarte
“Três degraus, uma laje”

Chiado 8, Lisboa
Até 3 Dezembro